



NATUREZA COMO REPRESENTAÇÃO DA AMAZÔNIA

■MAGALI FRANCO BUENO¹

RESUMO

ESTE ESTUDO FOCALIZA A NATUREZA ENQUANTO REPRESENTAÇÃO DA AMAZÔNIA, ESTANDO FORTEMENTE BASEADO EM ENTREVISTAS REALIZADAS PELA AUTORA TANTO NA REGIÃO QUANTO FORA DELA. NAS ENTREVISTAS A NATUREZA EM SUAS DIVERSAS MANIFESTAÇÕES APARECE COMO REPRESENTAÇÃO DOMINANTE. A FLORESTA, SUA PRESERVAÇÃO, A FAUNA E OS RIOS SÃO INDICADOS MAJORITARIAMENTE, FICANDO EM PLANO SECUNDÁRIO A POPULAÇÃO INDÍGENA E AS TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS RECENTES.

PALAVRAS-CHAVE: AMAZÔNIA, REPRESENTAÇÃO, NATUREZA, FLORESTA, PRESERVAÇÃO, FAUNA E RIOS.

Amazônia : a mera enunciação desse nome evoca um conjunto de informações, de imagens e de opiniões sobre um determinado espaço. Este conjunto de elementos forma uma representação sobre a região, uma representação que é social, pois socialmente elaborada e partilhada.

O conceito de representação social permite ultrapassar o dualismo, promovido pela modernidade, entre sujeito e objeto. O movimento de tentativa de superação desse dualismo nas ciências humanas aparece em várias disciplinas e a noção de representação é considerada fundamental na formulação de propostas capazes de integrar os atores individuais ao social e histórico.

Inicialmente forjado por Durkheim e por Mauss, o conceito de representação coletiva foi reformulado por Serge Moscovici, no início da década de 60, no âmbito da psicologia social. Moscovici apoiou-se nos fundadores das Ciências Sociais, na França, para elaborar uma teoria das representa-

ções sociais. Permeado pelas questões das linguagens, dos símbolos e das imagens, o problema das representações sociais perpassa todas as ciências humanas (Malerba, 2000).

O surgimento do uso do conceito na Geografia está também associado a uma revalorização dos processos subjetivos de apreensão do real. Embora haja pesquisas de geógrafos sobre a consciência de comunidades sobre seu pertencimento territorial desde a primeira metade do século XX, foi com o desenvolvimento da Geografia Social – na década de 40, nos Estados Unidos, e nos anos 60, na França – que os geógrafos passaram a se interessar pela diversidade psicológica e social de nossas relações com o espaço e, em seguida, ao processo de representação (Bailly, 1995). Mas as representações passaram ao centro da Geografia, nos anos 80, com a retomada da corrente cultural e interpretativa (Levy & Lussalt, 2003).

No quadro de uma geografia que participa cada vez mais do construtivismo, as representações são consideradas como constructos que exprimem um espaço que já está lá, ao mesmo tempo em que contribuem a dar-lhe existência como tal, num contexto social dado.

A proposta deste trabalho é evidenciar alguns aspectos envolvidos na construção da representação da Amazônia no Brasil, hoje, e de que forma organizam-se os elementos centrais dessa representação.

A região amazônica vem sendo construída desde a chegada do colonizador europeu ao novo mundo. Crônicas, relatos de viagens, relatórios de expedições, contos, romances e reportagens, além da cartografia, da iconografia e mesmo da filmo-

grafia, têm contribuído para a formação de uma visão sobre a Amazônia.

Embora caracterizada distintamente por grupos sociais diferentes e apesar das características preponderantemente associadas à região terem se transformado bastante no decorrer dos séculos – a Amazônia tem sido definida como “terra da canela e do ouro”, “paraíso terrestre”, “inferno verde”, “vazio demográfico”, “pulmão do mundo” – alguns elementos permanecem em todas essas representações, mesmo sendo por vezes ressemantizados. Se a expressão “inferno verde” foi originalmente atribuída à região devido ao calor, aos insetos, à dificuldade de penetração na densa floresta e pode ser hoje uma alusão às freqüentes queimadas que nela ocorrem.

FIGURA 1: PRIMEIRA PÁGINA DA REPORTAGEM SOBRE AUMENTO DAS QUEIMADAS NA REGIÃO, EM EDIÇÃO ESPECIAL SOBRE AMAZÔNIA, DA REVISTA VEJA, DE 8 DE NOVEMBRO DE 1995.



Pode-se afirmar que a imagem aérea de uma floresta verde recortada por rios é a imagem mental mais recorrentemente associada à Amazônia.

As opiniões expressas em relação à Amazônia são também constitutivas da própria região. A Amazônia é continuamente reconstruída de maneira a manter-se consistente com o sistema de avaliação utilizado pelos indivíduos em relação a ela.

A opinião de um indivíduo ou de um grupo em relação a um objeto é, de uma certa maneira, também constitutiva do objeto, ela o determina. O objeto – a Amazônia, neste caso – é então reconstruído de maneira a estar consistente com o sistema de avaliação utilizado pelo grupo em relação a ele. Um objeto não existe por si só; ele existe para um grupo e em relação a ele (Abric, 1994).

A “invenção” da Amazônia” é um tema já bastante discutido. Esse território – que, para qualquer indivíduo, remete quase sempre a uma imagem – já foi nomeado bacia do Rio Amazonas, País das Amazonas, região amazônica, passando a ser chamado “Amazônia” apenas no final do século XIX. A região ganha existência a partir dos olhares lançados sobre ela. Diversos indivíduos e grupos expressaram suas opiniões e, neste processo, a região foi se constituindo. As mudanças ocorridas nas avaliações sobre a região promoveram transformações nas representações da Amazônia bem como na própria região. Se, no início, a construção da região esteve restrita a alguns grupos de exploradores, hoje é toda a sociedade mundial que participa desse processo, embora existam grupos sociais que não partilham dessas representações.

As representações sobre a região sempre estiveram associadas a dicotomias, como paraíso/inferno, barbárie/civilização, bons selvagens/antropófagos. Mas, entre as décadas de 1970 e 1980, uma transformação importante opera-se nas representações da região, como pode ser evidenciado pelos diferentes significados associados às estradas em dois momentos: um anterior e outro posterior a este período. Esta recente transformação está ligada ao surgimento do movimento ecológico na Europa e à Conferência de Estocolmo sobre o Meio-Ambiente. Embora diversos grupos continuem a conceber a região como uma fonte de recursos, passam a predominar as representações de uma região caracterizada por uma natureza frágil que necessita ser protegida.

A teoria das representações sociais fornece elementos para compreender como foi definido um quadro de referência comum na sociedade brasileira no que diz respeito à Amazônia e de que maneira as práticas espaciais na Amazônia são guiadas pelas representações da região, inclusive permitindo aos atores explicar e justificar suas condutas em relação ao espaço.

Esse conjunto de opiniões, de crenças, de opiniões e de atitudes a propósito da Amazônia é organizado e estruturado. Num sistema representacional os elementos constitutivos da representação são hierarquizados. Para compreender a organização da representação é preciso evidenciar qual é o elemento ou os elementos que lhe dão significação e de que forma os elementos periféricos organizam-se em torno dela.

Para tentar compreender de que forma está organizada a representação da Amazônia na sociedade brasileira, tomou-se o resultado de 80 entre-

vistas, realizadas entre adultos escolhidos aleatoriamente, em locais de grande circulação de transeuntes, nas áreas centrais das cidades de São Paulo - SP, Manaus - AM e Belém - PA. A entrevista compreendia duas partes: na primeira pedia-se ao entrevistado para marcar a área correspondente à Amazônia num mapa da América Latina; na segunda parte colocava-se a seguinte questão: “Quando se fala em Amazônia, qual é a primeira coisa que você pensa? Qual é a primeira imagem que lhe vem à cabeça?”

Os resultados (ver quadro 1) mostram que a representação da Amazônia é organizada em torno da natureza, sobretudo do elemento “floresta”. Entre os 80 entrevistados, 43 associaram a Amazônia à floresta (ou mato, mata, selva). A natureza,

sua preservação ou destruição, é o segundo elemento mais freqüente nas respostas. Os índios, por aparecerem nas entrevistas muitas vezes totalmente vinculados à natureza, foram classificados na interface entre este tema e população.

Esta associação é freqüente também nos meios de comunicação, bem como nos livros didáticos. Duas respostas expressam de forma clara essa representação do índio como elemento integrante da natureza. Francisca, tecelã cearense entrevistada em São Paulo, responde que sua imagem imediatamente associada à Amazônia é “Mato, bicho, índio, falta de cultura”. Em Belém, um servidor público expressou da seguinte forma sua visão da região: “jacaré, jabuti, cobra, onça, índio... e o desprezo do governo”.

QUADRO 1: SÍNTESE DAS RESPOSTAS OBTIDAS NAS ENTREVISTAS.

TEMA RELACIONADO À IDÉIA	IDÉIAS ASSOCIADAS À AMAZÔNIA	NÚMERO DE VEZES MENCIONADO
natureza	floresta (ou mata, mato, selva)	43
	preservação ou destruição	9
	animais	6
	água, rios	5
	natureza	5
	pulmão do mundo	3
	índios	5
população	“vazio demográfico”	2
divisão político-administrativa	menção a diferentes cidades ou estados da região	9
economia	Zona Franca	5
	turismo	2
	minérios	1
-	não soube dizer	3

Juntos, os elementos articulados em torno do nó organizador “natureza” correspondem a 70% das respostas, subindo para 75% se as respostas que mencionaram apenas os índios forem associadas também a esse tema.

O terceiro elemento mais citado são as unidades da federação que compõem a região norte ou cidades nela localizadas. Isto pode ser compreendido como eficácia do Estado através do IBGE e do sistema de ensino em impor uma delimitação

da região conveniente aos seus interesses. Para o IBGE a região norte é aquela constituída pelos estados do Amazonas, Pará, etc. É importante lembrar que a região norte foi oficialmente delimitada a partir do critério da região natural, do recobrimento da floresta mais especificamente, o que talvez explique a freqüente superposição, no discurso do próprio IBGE, dos conceitos de região norte e “Amazônia”.

Além destas entrevistas, outras 10, menos dirigidas, foram realizadas nos municípios de Igarapé-Miri e Abaetetuba, nos respectivos centros urbanos, e na comunidade rural de Anequara, todas as localidades na foz do Rio Tocantins, no estado do Pará. Estas entrevistas foram focadas na percepção do lugar e da região dos entrevistados e na sua concepção de Amazônia.

Uma teoria do “nó central” é proposta por Abric (1994), que demonstra a presença da mesma noção em outros autores, embora recebendo nomes distintos. A determinação do nó estruturante de uma representação social é essencialmente social e ligada às condições históricas, sociológicas e ideológicas da construção da representação. O nó central constitui um princípio organizador das representações, assegurando a coesão do conjunto da representação (Guimelli, 1994). Ele organiza a imagem do objeto e, ao mesmo tempo, o constrói (Flament, 1994). Para Flament (1994), quando a representação social é bem constituída, o objeto é totalmente definido pelo nó central da representação.

Apesar das grandes transformações ocorridas nos contextos sociais e econômicos do Brasil e em toda a área correspondente à chamada Amazônia brasileira no decorrer dos últimos cinco séculos, a na-

tureza constitui o elemento central e organizador das representações sobre a região. Este nó central perpassa os textos dos cronistas do século XVI e dos naturalistas do século XVIII; o célebre livro de Alberto Rangel, *Inferno Verde*, que se tornou epíteto da Amazônia; os planos de desenvolvimento dos governos JK e do período militar, quando a natureza era vista ao mesmo tempo como símbolo da pungência do Brasil e obstáculo ao progresso; e, mais recentemente, os discursos dos meios de comunicação de massa e de ONGs, sobretudo, que concebem a natureza como um bem a ser preservado.

O que define a centralidade de um elemento na representação não é a freqüência de aparição nos discursos dos sujeitos, mas é um indicador pertinente da centralidade a importância quantitativa das ligações que um elemento mantém com os demais (Abric, 1994). Articuladas sobre o nó central da representação estão variadas concepções sobre a natureza. Da mesma forma, há uma multiplicidade de tomadas de posição produzida a partir desse núcleo organizador comum.

Os elementos periféricos da representação não afetam a representação. Pelo contrário, permitem sua ancoragem na realidade. As cidades da Amazônia, por exemplo, podem ser consideradas elementos periféricos associados ao elemento central por oposição, ou seja, evidenciam a oposição domesticado/selvagem na representação, reforçando o elemento “floresta”, que é dominante. A resposta do marinheiro mercante peruano é elucidativa de, pois associa a Amazônia à cidade de Manaus, comparando-a logo em seguida com outras duas do sul do país: “Amazônia é uma cidade não muito desenvolvida. Porque o nome tá falando, onde tem a selva. Manaus fica longe do Rio de Janeiro, São Paulo...”

A natureza como nó articulador da representação de Amazônia pode ser constatada em várias entrevistas, mas a entrevista com Débora, estudante em Abaetetuba, demonstra claramente essa centralidade. Quando interrogada se o local onde ela está, naquele momento da entrevista, no centro da cidade de Abaetetuba, é Amazônia ou não, há um primeiro momento de surpresa e mesmo de espanto frente à indagação, como se a pergunta fosse absurda: “Se aqui é Amazônia... como assim, na cidade?” A seguir, após um momento de silêncio e reflexão, a dúvida. Finalmente, a estudante conclui que a Amazônia está “Perto da estrada [...]. Lá, muita vegetação, assim, muita plantação, mato...”

Embora um documento publicado pelo Ministério do Meio Ambiente (1995) – portanto, uma visão oficial sobre a percepção da Amazônia no Brasil – afirme que há diferenças entre as percepções internacional e nacional da Amazônia, os dados obtidos nesta pesquisa não apontam na mesma direção. Considerando também entrevistas realizadas em Igarapé-Miri e Abaetetuba, no Pará, e Careiro da Várzea, no Amazonas, pode-se afirmar que o elemento em torno do qual estrutura-se a representação da Amazônia é a natureza. Assim, seja na escala internacional, nacional, regional ou mesmo local, a representação da Amazônia é constituída pelo mesmo elemento central.

A associação imediata com a imagem de floresta leva a uma visão distanciada da Amazônia. Assim, sem a presença da mata não se trata de Amazônia. Isso fica claro em algumas respostas, como a de um militar cearense que, apesar de viver há vinte quatro anos em Belém, diz que a primeira coisa que passa pela sua cabeça quando se fala em Amazônia é que “tinha vontade de conhecer”.

A entrevista com o militar cearense também demonstra a dissociação feita, em alguns casos, entre o lugar, a partir do qual se fala, e a região. Em outra entrevista, um vendedor nascido no Espírito Santo, mas morando em Manaus há dois anos, apontou no mapa o estado do Amazonas como localização da Amazônia, mas quando questionado sobre a visão que tem dessa região respondeu que não sabia dizer, por não conhecer o “lugar”.

Um estudo feito sobre as representações sociais da Amazônia para os alunos de uma escola da rede pública de Belém – alunos que, portanto, nasceram e/ou habitam a região – mostra que eles têm essa mesma visão distanciada da região. Sua concepção de Amazônia é totalmente associada à natureza, um espaço onde a relação homem/natureza não existe (Rocha & Amoras, 2006). Esse distanciamento em relação à região ocorre também em Anequara, comunidade ribeirinha da foz do Rio Tocantins. Como a realidade vivida cotidianamente e a Amazônia apresentada na televisão são muito diferentes, seus lugares de vida não podem ser considerados como parte integrante da Amazônia.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO E ONGs: DUAS

REPRESENTAÇÕES DA AMAZÔNIA _____

Vários autores já mostraram o papel dos viajantes, naturalistas e escritores na formação de uma visão sobre a Amazônia. Já discutimos em outra oportunidade (Bueno, 2003) a contribuição dos planos governamentais regionais de desenvolvimento para a região e dos livros didáticos de geografia na constituição de um imaginário sobre a região. Neste item abordaremos as representações da Amazônia elaboradas e di-

fundidas pela mídia e pelas organizações governamentais que atuam na região.

A natureza, mais particularmente a floresta exuberante e seus habitantes nativos – estes quase sempre associados à natureza –, tem sido, desde o século XVI, fonte de inspiração para exploradores, aventureiros e escritores, aos quais foram se somando cientistas, artistas plásticos, cineastas e autores de histórias em quadrinhos (Le Bris & Dibie, 2005).

Se todas estas visões são produtoras das representações da Amazônia, hoje são os meios de comunicação de massa os principais responsáveis pela elaboração e difusão das representações sociais desse espaço. E se os meios de comunicação de massa são os principais formadores das representações sobre a Amazônia, seja em qual escala for, as ONGs têm um papel transformador dessas representações sobretudo localmente, nas comunidades onde atuam.

A partir da década de 1980 prevalece nos meios de comunicação de massa a representação da Amazônia como uma área ameaçada de desaparecimento. A mídia dá ênfase à destruição da floresta; o desmatamento e as queimadas são os temas mais frequentes. Como pode ser visto no quadro 1, em seguida à imagem da floresta, as idéias relacionadas à destruição/preservação da natureza são as mais frequentemente associadas à Amazônia. A Amazônia tornou-se mesmo um símbolo da natureza ameaçada. A edição comemorativa dos 20 anos da Revista Veja – revista semanal de informação mais vendida no Brasil, com tiragem superior a um milhão de exemplares – é exemplar desta significação de que é portadora a região:

“Somente durante o ano de 1987, na Amazônia, uma área de 8 milhões de hectares perdeu a capa de árvores que a recobria, o que equivale a deixar sem uma única folha verde a extensão total do Estado de Sergipe. Somente em Rondônia, e também só em 1987, a queima de árvores jogou mais carbono na atmosfera do que toda a cidade de São Paulo nos últimos sessenta anos. Essas duas cifras – para ficar só no Brasil, e só na Amazônia – vão ao coração de uma das evidências mais marcantes da época em que vivemos: a de que a Terra é uma fonte não renovável de recursos e atravessa um momento de contrapé, no qual a humanidade não está conseguindo gerar energia sem sujar perigosamente a camada de atmosfera que lhe permite respirar. [...] Com a paz ao alcance da mão, a preservação da natureza passou a ser a causa mais empolgante dos últimos 20 anos.”

FOTO 2: PAGINA DUPLA DA EDIÇÃO ESPECIAL COMEMORATIVA DOS 20 ANOS DA REVISTA VEJA, DE 14 DE SETEMBRO DE 1988.



As estradas na Amazônia representam de maneira exemplar o deslocamento de sentido operado nas últimas três décadas em relação à natureza. Duas fotografias, ambas visões aéreas oblíquas de

estradas recortando a vegetação, na Amazônia, ilustram a transformação das representações sobre a Amazônia e, por extensão, das representações sobre a natureza. Em 1958, a abertura da estrada Belém-Brasília significava progresso e integração da Amazônia ao resto do país. A floresta, neste momento, representava um empecilho à chegada do progresso à região e a natureza hostil, apesar de forte, deveria ser enfrentada e vencida pelo homem. Em 1989, a rodovia BR-364 era apontada como vilã dessa mesma natureza: “caminho aberto ao oeste da Amazônia e à devastação desenfreada da floresta”.

A mídia é um dos principais responsáveis nesse processo de transformação das representações da região. Nesse processo, há também uma mudança no modelo de desenvolvimento a ser defendido. Os profissionais dos meios de comunicação têm contribuído para a difusão do ideário do desenvolvimento sustentável, paralelamente à intensa mobilização das Organizações Não-Governamentais e sua presença ativa tanto nos meios de comunicação quanto na estrutura do Estado (Mello, 2002).

Essas organizações são hoje parceiras tanto do setor privado como governamental; participam na elaboração, implantação e monitoramento de projetos, bem como na proposição de políticas públicas. Sua atuação nas comunidades amazônicas, muitas vezes em parcerias com associações de segmentos locais, contribui para uma transformação das representações da Amazônia na escala local, na medida em que são propostas muitas vezes novas formas de manejo dos recursos naturais, apoiados na idéia de sua sustentabilidade.

A partir da análise do discurso de quatro ONGs com atuação na Amazônia - Amigos da Terra, Ima-

zon, ISA e WWF -, e outras associações componentes desses grupos, Neli Mello (2002) conclui que nas décadas de 1970 e 1980 a tônica deles estava nas denúncias e no incentivo à preservação. Após a Conferência do Rio, apesar de continuarem as críticas às políticas governamentais, bem como a preocupação com os impactos ambientais, a ênfase passa a ser a proposição de novos modelos de desenvolvimento, vinculados à sustentabilidade dos recursos naturais, à redução dos impactos ambientais e à melhoria da renda dos atores envolvidos. Essa mesma autora mostra que, no que diz respeito aos impactos ambientais, a preocupação das ONGs, como da mídia, está marcada pelo desmatamento e pelas queimadas.

Desmatamento e queimadas são também representações articuladas em torno do nó central “natureza”, pois constituem-se em ações que provocam sua destruição. Uma questão essencial é saber qual a concepção de natureza têm essas ONGs, pois isso tem conseqüências no tipo de política ambiental defendida por elas e nas mudanças que elas podem provocar no que diz respeito às relações homem/natureza (Chartier, 2005).

Ao analisar o discurso do Greenpeace, Chartier (2005) identifica duas visões opostas de natureza, às quais ele propõe acrescentar uma terceira: na primeira, da modernidade, natureza e sociedade são radicalmente separadas; na segunda, em ruptura com o pensamento moderno ocidental, percebe-se uma natureza construída socialmente e integrada à sociedade; a terceira concepção de natureza seria intermediária entre estas duas anteriores, radicalmente opostas. Nesta terceira visão a separação natureza/cultura é ainda conservada, mas insistindo-se mais na relação homem/natureza do que na sua separação.

Esse autor mostra como estas diferentes visões podem estar justapostas nos discursos de uma mesma ONG e vai ainda mais longe, demonstrando como um mesmo discurso pode ser interpretado como atrelado a uma concepção fortemente conservacionista e moderna da natureza ou como questionador da dualidade homem/natureza. Apesar disso, ele afirma que predomina, tanto no Greenpeace como em outras ONGs, uma representação da natureza considerada como exterioridade à sociedade, que necessita ser dominada e protegida. Essa é, como bem assinala o autor, uma visão totalmente inserida na história do movimento ambientalista ocidental.

Outro autor trata das diferentes concepções ligadas à natureza em nossa sociedade de forma mais abrangente. Besse (1997) evidencia três tipos de concepções ainda hoje constitutivas da relação à natureza, cada uma delas produto histórico de uma época: uma significação metafísica da natureza, que a concebe como substância, como poder criador autônomo; uma significação tecno-científica, que concebe a natureza como um sistema de fenômenos e um instrumento que pode ser colocado a serviço de um projeto; e, finalmente, uma significação ética, que vê a natureza como um objeto a ser cuidado, um objeto de inquietude face aos efeitos da atuação humana. Embora a terceira significação apareça de forma preponderante hoje, nas representações sobre a Amazônia estão presentes estas três significações da natureza, e a preponderância de uma ou outra depende, sobretudo, do grupo social. Mas continua sendo a natureza o elemento central articulador da representação.

A articulação em torno desse nó central permite que mesmo posições antagônicas operem dentro do mesmo quadro de representações. A visão

do grupo de empresários que vê a natureza como recurso a ser explorado e a do ambientalista, que a vê como bem a ser preservado, estão ambas referidas ao mesmo elemento articulador central.

REPRESENTAÇÕES DA AMAZÔNIA E PRÁTICAS ESPACIAIS _____

As representações sociais têm um papel fundamental na dinâmica das relações sociais, das relações da sociedade com seu espaço e também nas práticas sociais e espaciais. Elas são informativas e explicativas da natureza dos laços sociais e das relações dos indivíduos com seu meio.

Por suas funções de elaboração de um senso comum, de construção da identidade social e pelas expectativas e antecipações que elas geram, as representações estão na origem das práticas sociais. Mas elas são, ao mesmo tempo, dependentes das circunstâncias exteriores e das próprias práticas. Assim, há uma relação dialética entre representações sociais e práticas.

As representações sociais da Amazônia engendram um papel fundamental na dinâmica das relações sociais, das relações da sociedade com esse espaço e também nas práticas espaciais. Desta forma, o movimento recente de preservação da natureza, ao mesmo tempo em que transforma as representações sobre a região, tem efeito também nas práticas sobre este espaço, sobretudo localmente.

NOTAS _____

- 1- Doutoranda em Geografia Humana - USP. Bolsista CNPq/ CAPES.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: _____

ABRIC, Jean-Claude (Direction). Les représentations sociales. Aspects théoriques. In: _____. *Pratiques Sociales et Représentations*. Paris : PUF, 1994.

- BAILLY, Antoine & DEBARBIEUX, Bernard. Géographie et représentations spatiales. In: BAILLY, Antoine S. (Coord.) *Les concepts de la géographie humaine*. Paris : Masson, 1995. pp. 157-64.
- BESSE, Jean-Marc. Les sens de la nature dans les discours philosophiques. In : BESSE, Jean-Marc et ROUSSEL, Isabelle (Direction). *Environnement: représentations et concepts de la nature*. Paris : L'Harmattan, 1997. pp. 35-50.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, DOS RECURSOS HÍDRICOS E DA AMAZÔNIA LEGAL. *Os ecossistemas brasileiros e os principais macrovetores de desenvolvimento*. Subsídios ao planejamento da gestão ambiental. Brasília, DF, 1995.
- BUENO, Magali Franco. *O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa*. Dissertação (Mestrado). Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2003.
- CHARTIER, Denis. Quelles natures pour les ONG, quelles natures pour les sociétés ? De la wilderness à la dissolution du dualisme nature/culture. In: ARNOULD, Paul et GLON, Eric. *La nature a-t-elle encore une place dans les milieux géographiques?* Paris: Publications de la Sorbonne, 2005. pp. 95-107.
- FLAMENT, Claude. Structure, dynamique et transformation des représentations sociales. In : ABRIC, Jean-Claude (Direction). *Pratiques Sociales et Représentations*. Paris : PUF, 1994. pp.37-57.
- GUIMELLI, Christian. La fonction d'infirmière. Pratiques et représentations sociales. In : ABRIC, Jean-Claude (Direction). *Pratiques Sociales et Représentations*. Paris : PUF, 1994. pp.83-107.
- GUMUCHIAN, Hervé. *Représentations et aménagement du territoire*. Paris : Anthropos/ Ed. Economica, 1991.
- LE BRIS, Michel et DIBIE, Pascal (Dir.). *Rêves d'Amazonie*. Catalogue de l'exposition. Tours : Éditions Hoëbeke/ Centre Culturel Abbaye de Daoulas, 2005.
- MALERBA, Jurandir. Conclusão. As representações numa abordagem transdisciplinar: ainda um problema indócil, porém mais bem equacionado. In: CARDOSO, Ciro Flamari-on e _____. (Orgs.) *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas, SP: Papirus, 2000. pp. 269-288.
- McDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham (Orgs.). *Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1996. pp.159-88.
- MELLO, Neli Aparecida de. *Políticas Públicas Territoriais na Amazônia Brasileira*. Conflitos entre conservação ambiental e desenvolvimento 1970-2000. Tese (Doutorado). Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2002.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, DOS RECURSOS HÍDRICOS E DA AMAZÔNIA LEGAL. *Os ecossistemas brasileiros e os principais macrovetores de desenvolvimento*. Subsídios ao planejamento da gestão ambiental. Brasília, DF, 1995.
- MOSCOVICI, Serge. Prefácio. In: GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). *Textos em representações sociais*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. pp. 7-16.
- REVISTA VEJA. São Paulo: Abril, 14 de setembro de 1988.
- REVISTA VEJA. São Paulo: Abril, 8 de novembro de 1995.
- ROCHA, Genylton O. R. da e AMORAS, Izabel Cristina R. *O ensino de Geografia e as representações sociais sobre a Amazônia*. 2006. (não publicado)
- STASZAC, Jean-François. Représentation de l'espace In : LEVY, Jacques et LUSSALT, Michel (Direction). *Dictionnaire de la Géographie et de l'espace des sociétés*. Paris : Bélin, 2003. pp. 792-793.

ABSTRACT

THIS PAPER IS FOCUSED ON THE NATURE AS A REPRESENTATION OF THE AMAZONIAN REGION. BASED PRIMARILY IN INTERVIEWS WITH PEOPLE IN THE REGION AND OUTSIDE, THE AUTHOR INDICATOR IS THE MAIN REPRESENTATION OF AMAZONIA. THE FOREST, IT'S PRESERVATION, THE FAUNA AND RIVERS ARE MORE IMPORTANT THAN THE INDIGENOUS POPULATION OR THE RECENT ECONOMIC TRANSFORMATIONS

KEY WORDS: AMAZONIA, REPRESENTATION, NATURE, FOREST, PRESERVATION, FAUNA AND RIVERS.